

“É TIPO UM CONDOMÍNIO FECHADO DE POBRE”: AS CONFIGURAÇÕES URBANAS NA DINÂMICA DA COMUNIDADE DO TIMBÓ, EM JOÃO PESSOA-PB

Patrícia Goldfarb¹

 <https://orcid.org/0000-0003-4627-6486>

Williane Juvêncio Pontes²

 <https://orcid.org/0000-0002-0427-1487>

RESUMO

O presente trabalho analisa um espaço urbano e sua constituição enquanto lugar, fruto de uma produção simbólica, que conforma a Comunidade do Timbó, situada na zona sul da cidade de João Pessoa-PB. Considerando a interconexão entre os âmbitos digital e presencial na maneira de sentir e viver, a proposta visa pensar a cidade a partir da comunidade e discutir o processo de transformação de espaços em lugares de pertencimento, refletindo sobre uma urbanidade arranjada nas relações de pessoalidade. O artigo resulta de uma pesquisa etnográfica, bem como levantamento de dados sobre a comunidade, feito na internet e na mídia local. Desse modo, discutimos a produção do lugar Timbó, abordando as suas configurações urbanas e emotivas, com base na perspectiva dos moradores, que produzem um modo de experienciar a urbe, uma forma de sentir e viver a partir das margens, daqueles que habitam o espaço e são vistos com receio e sob constante vigilância, mas que, por meio do sentimento de pertença, ressignificam seu território, transformando-o em um lugar de moradia e contestando os imaginários que lhes são impostos.

Palavras-chave: Digital. Lugar. Pessoalidade. Pertença.

“IT’S LIKE A GATED COMMUNITY FOR POOR PEOPLE”: URBAN CONFIGURATIONS IN THE DYNAMICS OF THE TIMBÓ COMMUNITY, IN JOÃO PESSOA-PB

ABSTRACT

This paper analyzes an urban space and its creation as a place, the result of a symbolic production that shapes the Timbó Community, located in the southern part of the city of João Pessoa-PB. Considering the interconnection between the digital and physical spheres in the way of feeling and living, the proposal aims to think about the city from the community's perspective and discuss the process of transforming spaces into places of belonging, reflecting on an urbanity arranged in personal relationships. The article is the result of ethnographic research, as well as data collection about the community, conducted on the internet and in the local media. In this way, we discuss the production of the Timbó place, addressing its urban and emotional configurations, based on the perspective of the residents, who produce a way of experiencing the city, a feeling and living from the margins, of those who live there and are seen under fear and constant surveillance, but who act in the production of a place of residence constituted by the feeling of belonging and dispute the imaginaries about themselves and their place.

Keywords: Digital. Place. Personalrelationships. Belonging.

“ES COMO UN BARRIO CERRADO PARA GENTE POBRE”: CONFIGURACIONES URBANAS EN LA DINÁMICA DE LA COMUNIDAD DE TIMBÓ, EN JOÃO PESSOA-PB.

¹ Doutorado em Sociologia, área de Cultura, pela Universidade Federal da Paraíba. Professora Associada da Universidade Federal da Paraíba, Departamento de Ciências Sociais/CCLHA e do Programa de Pós-Graduação em Antropologia. E-mail: patriciagoldfarb@yahoo.com.br.

² Mestre em Antropologia. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Antropologia, UFPB. Membro do Grupo de Estudos Culturais do CNPq. E-mail: williane_pontes@hotmail.com.

RESUMEN

Este trabajo analiza un espacio urbano y su creación como lugar, resultado de una producción simbólica, que forma la Comunidad Timbó, ubicada en la zona sur de la ciudad de João Pessoa-PB. Considerando la interconexión entre lo digital y lo físico en la forma de sentir y vivir, la propuesta pretende pensar la ciudad desde la perspectiva de la comunidad y discutir el proceso de transformación de los espacios en lugares de pertenencia, reflexionando sobre una urbanidad ordenada en las relaciones personales. El artículo es resultado de una investigación etnográfica, así como de una recolección de datos sobre la comunidad, realizada en internet y en medios locales. De esta manera, discutimos la producción del lugar Timbó, abordando sus configuraciones urbanas y emocionales, a partir de la perspectiva de los habitantes, quienes producen una forma de experimentar la ciudad, un sentir y vivir desde los márgenes, de quienes viven y son vistos bajo el miedo y la vigilancia constante, pero que actúan en la producción de un lugar de residencia constituido por el sentimiento de pertenencia y disputan los imaginarios sobre sí mismos y su lugar.

Palabras clave: Digital. Lugar. Personalización. Pertenencia.

INTRODUÇÃO

As comunidades populares ensejaram um dos modos de configuração urbana mais acentuados no contexto brasileiro, cujo processo de associação desses territórios à criminalidade, a vulnerabilidade social e ambiental, a ausência ou precariedade de infraestrutura e a pobreza é longo; que se consolida com os discursos jornalísticos, políticos, burocráticos e acadêmicos (Misse, 2011).

Ao analisar um complexo de favelas no Rio de Janeiro, Mônica Machado (2017, p. 41) ressalta que os moradores desses espaços enfrentam restrições em suas atividades diárias, como dificuldades para conseguir emprego ou receber entregas em casa. Isso ocorre porque seus comportamentos são constantemente questionados e vistos com desconfiança, graças à associação de sua moradia com estigmas sociais.

De modo geral, as representações sobre “favelas” ou “comunidades pobres” são marcadas por imagens de carência e violência, desconsiderando a complexidade desses espaços urbanos e, conseqüentemente, a diversidade de comportamentos e experiências de seus moradores (Perlman, 1977; Misse, 2011).

As dimensões e características da cidade de João Pessoa contribuem para singularidades nesse modo de configuração urbana. Assim, para nossa análise, nos debruçamos sobre a Comunidade do Timbó, localizada na zona sul da capital paraibana e que, atualmente, está circunscrita a uma área de crescente valorização imobiliária, fazendo fronteira com bairros de classe média, média alta e alta.

Este artigo tem como foco os aspectos urbanos e emotivos, objetivando analisar a dinâmica e a produção do lugar, de modo a observar como os moradores vivenciam a cidade a partir do local de moradia e pertencimento. Direcionamos nosso esforço reflexivo para questionar quais condições

sociais e históricas configuram a comunidade e como os moradores vivenciam o lugar, mobilizando significados a partir dele. Nossa análise considera a perspectiva local sobre as percepções do Timbó - tanto como espaço físico da comunidade quanto como espaço digital nas plataformas online -, ambos constituídos e assimilados como territórios de agenciamentos e disputas em torno do lugar.

Adotamos a etnografia como perspectiva metodológica, realizando incursões no campo de pesquisa e levantamentos sobre o Timbó em mídias locais e na internet. Dessa forma, privilegiamos as perspectivas internas (Magnani, 2002), ou seja, a visão dos moradores, em uma abordagem que busca reconhecer a pluralidade de práticas e narrativas daqueles que vivem na comunidade, explorando os significados que atribuem ao lugar.

Desta forma, buscamos desmistificar a ideia de que favelas ou comunidades são territórios exclusivamente problemáticos ou caóticos, analisando as apreensões dos “pertencentes” ao lugar, ao mesmo tempo em que avaliamos a emergência de espaços digitais em torno do Timbó³.

ASPECTOS METODOLÓGICOS: ENTRE O CAMPO, AS TÉCNICAS E AS PESSOAS.

A Comunidade do Timbó foi escolhida como universo analítico por sua configuração singular, resultante de um processo específico de transformação urbana. Localizada nas imediações do bairro dos Bancários - que vem passando por valorização imobiliária desde os anos 2000, com maior intensidade na última década -, a comunidade faz fronteira com bairros de diferentes perfis socioeconômicos, como o Jardim Cidade Universitária (classe média), o Portal do Sol (classe média alta) e o Altiplano Cabo Branco (classe alta).

Inicialmente, buscamos compreender as formas de sociabilidade local (Pontes, 2020). Mais recentemente, ampliamos a análise para incluir o processo histórico e político de formação da comunidade, bem como a construção de imaginários sobre ela. Entre 2019 e 2020, realizamos trabalho de campo com visitas presenciais à comunidade, retomadas em 2022.

Com a pandemia de Covid-19, iniciada em março de 2020, e as restrições impostas pelo isolamento social, passamos a investigar a representação do Timbó nas redes sociais. Observamos uma ampla adoção e assimilação do uso dessas plataformas pelos moradores, o que nos levou a iniciar a análise pelo Facebook, com foco em páginas dedicadas à comunidade. Desde então, identificamos que as redes sociais já faziam parte da dinâmica local e da sociabilidade antes da pandemia, tendo se fortalecido ainda mais nesse período.

A partir da pandemia, observamos a criação e o uso de perfis públicos no Instagram, que passaram a fazer parte de nossa investigação. Essas contas representam diversos grupos de

³ Este trabalho é um recorte da pesquisa de doutorado em antropologia, em desenvolvimento no Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGA) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

interesse, incluindo futebol, religiosidade, batalhas de rima, competições de dança, ações sociais, atividades socioeducativas, manobras com motocicletas e uma representação geral da Comunidade do Timbó. Para aprofundar a análise, passamos a seguir e monitorar esses perfis, interagindo com os moradores no espaço digital e estabelecendo um diálogo por meio do Instagram.

Neste trabalho, focamos em um perfil específico: o “Nosso Timbó”, que posteriormente passou a ser chamado de “Comunidade do Timbó” ou “*MeuTimbó*”. Criada em 2019, a conta foi banida e recuperada em 2022.

Selecionamos esse perfil por sua relevância dentro da comunidade digital, contando com mais de 240 publicações e 4.584 seguidores no Instagram. Entre os perfis voltados à comunidade, é o mais conhecido e ativo na produção de conteúdo. Seu objetivo, conforme descrito na biografia pelo administrador — um jovem morador —, é apresentar “o lado da comunidade que a mídia não mostra!”. Ele cria e compartilha conteúdos próprios e de outros moradores, tornando a página um espaço digital representativo do Timbó.

O perfil destaca diversos aspectos da comunidade, como eventos, grafites, ações sociais, campeonatos de futebol, festividades, campanhas solidárias, comércio local e espaços físicos, dando visibilidade a elementos que compõem a vida cotidiana no Timbó.

Figura 1 – Imagem do perfil do Instagram



Fonte: <https://www.instagram.com/meutimbo/>

O perfil *MeuTimbó* se configura como um espaço que acolhe diferentes grupos de moradores, os quais, embora possuam perfis específicos, recorrem a essa página para ampliar a divulgação de ações e atividades, buscando alcançar um público maior, tanto dentro quanto fora da

comunidade. Consideramos esse perfil uma representação coletiva, que busca capturar a pluralidade da comunidade, como sugere seu próprio nome. O uso do pronome possessivo "meu" indica uma construção identitária em que os moradores se reconhecem e se apropriam do Timbó, participando ativamente da produção de práticas e narrativas sobre ele.

Os pronomes possessivos estão diretamente ligados aos pronomes pessoais, pois indicam pertencimento. Nesse sentido, o Timbó pertence aos moradores que o compõem e o definem como "o lugar", fundamentado na memória e na vivência cotidiana. No Instagram, o perfil registra cenas da comunidade, como ruas, muros grafitados e panoramas do território, frequentemente acompanhados por músicas — geralmente *rap* ou *funk* — que reforçam a identidade local.

Os conteúdos abordam temas diversos, como trabalho, entretenimento, denúncias, solidariedade e religiosidade, além da violência urbana, que vitimiza jovens e sensibiliza a comunidade. Esses registros refletem situações que compõem o cotidiano do Timbó, evidenciando suas dinâmicas e desafios.

Figura 2 – Imagem representando a comunidade no perfil



Fonte: <https://www.instagram.com/meutimbo/?igsh=MTFjbmK5Zm96cjE3Mg%3D%3D#>.

O “*MeuTimbó*” reforça o pertencimento dos moradores ao lugar, transmitindo a ideia de afeto, de produção local da moradia, com base em códigos morais e emotivos dos pertencentes, — os “de dentro”. O perfil é, também, um campo de disputa e negociação em torno do Timbó, cujos

moradores agenciam os modos de apresentação e representação da comunidade, o que se relaciona com as formas de apreensão de si e do “outro”, enquanto moradores da cidade.

Assim, buscamos compreender esse Timbó sob a perspectiva dos moradores e o processo de construção do lugar (Tuan, 1983; Koury, 2003), caracterizado pela vinculação afetiva a um espaço; acompanhando o perfil do Instagram, as postagens diárias e as interações, via comentários nas publicações que compõem o conjunto de conteúdos criados e divulgados pela conta⁴.

Com a sistematização do material observado no Instagram, identificamos categorias que sobressaíam, tais como: solidariedade, arte, lazer, cidadania, trabalho e cenários locais, que permeavam a maioria do conteúdo produzido e publicado no perfil. Por meio destas categorias a Comunidade do Timbó é apresentada, no intuito de minorar os estereótipos comuns e corriqueiros que circulam sobre o local, visando mostrar exatamente o que “a mídia não mostra”.

No decorrer da pesquisa, realizamos algumas entrevistas online, por meio do *chat* da rede social ou pela plataforma *Google Meet* (videoconferência). Conversamos com o Pedrinho, um jovem de 23 anos que diz ser “nascido e criado no Timbó”, mas que atualmente está com residência na região sudeste do país. Outros jovens usuários do Instagram foram contatados, com os quais conversamos na própria comunidade, que se tornaram interlocutores da pesquisa⁵.

As conversas informais, as entrevistas gravadas e a troca de mensagens pelo WhatsApp ou Instagram foram complementadas pela observação participante, utilizando a estratégia das caminhadas interessadas (Pontes, 2020). Essa abordagem consistiu em percorrer as ruas da comunidade com o objetivo de conhecer, mapear e observar as paisagens, os espaços sociais e as formas de sociabilidade. Tratou-se, portanto, de uma caminhada orientada pela intenção de apreender tanto as configurações urbanas do Timbó quanto as práticas cotidianas que compõem sua dinâmica social.

Desse modo, tanto a observação direta e participante na comunidade como a observação do espaço digital foram muito úteis, enquanto âmbitos constitutivos das experiências de narrar o morar e sentir o Timbó (Certeau, 1994).

A PRODUÇÃO DO TIMBÓ ENQUANTO LUGAR

A Comunidade do Timbó vem se desenvolvendo, enquanto lugar de moradia e pertencimento, de modo contínuo, de acordo com as condições sociais e históricas que deram

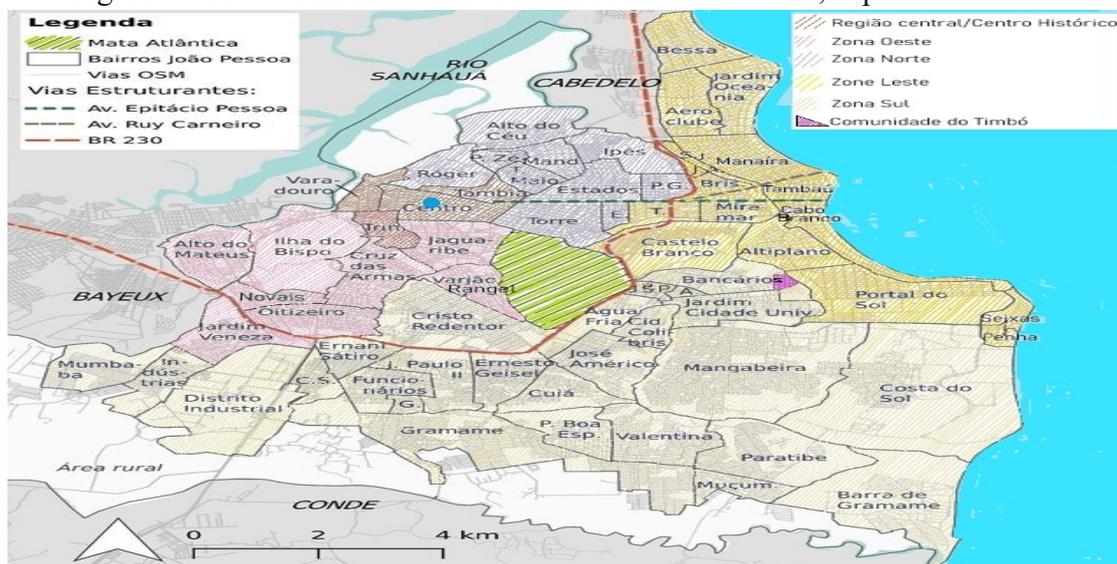
⁴ As publicações e interações foram mapeadas, e salvas em arquivo jpg, para composição de um acervo digital, como parte de nossa estratégia metodológica, uma vez que este material poderia vir a ser apagado ou arquivado. O material vem sendo analisado e sistematizado com auxílio do software Atlas.ti, onde os conteúdos são codificados em categorias, que passam a ser relacionadas com conceitos teóricos e noções êmicas, ou seja, os sentidos dados pelos moradores do Timbó.

⁵ As conversas ocorreram, majoritariamente, em ambientes públicos como ruas, praça, quadra poliesportiva, calçadas das casas ou estabelecimentos comerciais. Ainda ocorreram conversas fora do Timbó, com um aluno, no Campus I da UFPB.

origem ao lugar. Criado no final dos anos 70, o local vem passando por mudanças físicas, estruturais e de significação. Com o decorrer dos anos, a transformação do local em *lugar* integra o transcurso da sua história, o que remonta a ocupação territorial, as lutas pela consolidação e o desenvolvimento político da comunidade, que surge em uma área do Vale do Rio Timbó (VRT), afluente do rio Jaguaribe.

Vale destacar que o Timbó surge em um período de intensa transformação da malha urbana da cidade, que se expande nas direções leste e sul. A Comunidade do Timbó integra esse processo de crescimento e modernização da capital paraibana, impulsionado por um projeto de planejamento e ordenamento urbano que fomentou a criação de áreas nobres e, conseqüentemente, de espaços periféricos (Pontes, 2023).

Figura 3 – A atual malha urbana da cidade de João Pessoa, capital da Paraíba



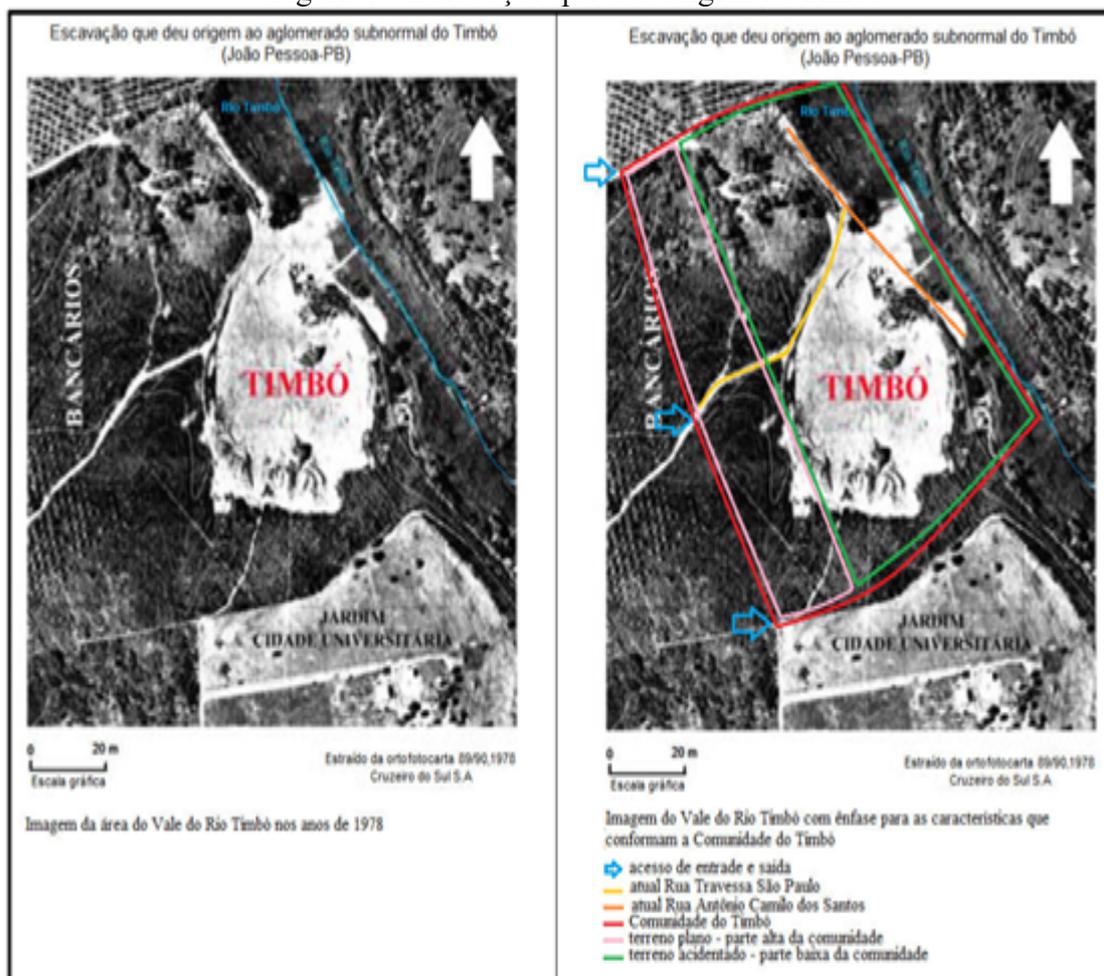
Fonte: Mapa elaborado por Donegan, Alves e Oliveira (2022) e modificado por Pontes em maio de 2023.

O Vale do Rio Timbó foi inicialmente ocupado por uma construtora civil, responsável pela edificação dos conjuntos habitacionais dos Bancários e dos Professores — destinados a duas categorias de trabalhadores contempladas no financiamento para aquisição de imóveis ao sul do campus da UFPB. Em 1978, a urbanização da zona sul estava em pleno desenvolvimento, com a criação de uma área planejada para abrigar as camadas média, média baixa e baixa, por meio de conjuntos habitacionais vinculados à política do Banco Nacional de Habitação (BNH), em parceria com a Companhia Estadual de Habitação (CEHAP). Esse projeto incluía tanto unidades para financiamento — como os Conjuntos Bancários e dos Professores — quanto unidades destinadas à distribuição gratuita, como no caso do Setor VI de Mangabeira (Lavieri; Lavieri, 1992; Pontes, 2024).

Localizados na zona sul, os conjuntos habitacionais dos Bancários e dos Professores deram origem ao bairro dos Bancários. O Vale do Rio Timbó, por sua vez, era uma área pouco ocupada, utilizada pela construtora para a extração de saibro, matéria-prima essencial na construção dos conjuntos habitacionais. A intensa retirada desse material resultou na formação de uma grande cratera, dividindo o terreno em duas partes: uma área baixa, situada dentro do buraco aberto, e uma área alta, correspondente às encostas criadas pela extração, niveladas com o bairro em construção.

Os trabalhadores da construção civil que não possuíam residência na capital passaram a viver em barracas na parte baixa do terreno. Já na parte alta, nas bordas da cratera, surgiram outras moradias, ocupadas por recém-chegados à cidade em busca de residência fixa, muitos deles sem condições de arcar com aluguel ou outras despesas habitacionais. Enquanto alguns ocupavam os terrenos e se estabeleciam, outros optavam por vendê-los, como relata Dona Maria, moradora antiga da localidade, que chegou à região em 1979 após adquirir uma casa.

Figura 4 – Escavação que deu origem ao Timbó



Fonte: Prefeitura Municipal de João Pessoa, 2009.

Essas pessoas também prestavam serviços aos trabalhadores alocados na parte baixa, como a venda de produtos alimentícios e de higiene, comida pronta, lavagem de roupa e bebidas alcoólicas,

conforme relata esta interlocutora. Essa primeira ocupação perdurou de 1978 a 1979, quando as obras do conjunto habitacional dos Bancários foram finalizadas e a construtora abandonou o terreno no entorno do Rio Timbó, retirando as máquinas e as barracas de apoio.

A partir de 1979 e 1980, a ocupação passou a ser considerada irregular pela administração pública da cidade, uma vez que muitos dos trabalhadores permaneceram morando no local, e novas pessoas chegaram, ocupando os terrenos para moradia, tanto na parte alta como, principalmente, na parte baixa, por ser a maior área e próxima ao rio — que servia para consumo familiar, criação de animais e lavagem de roupas.

A partir daí, os moradores presenciaram ações para frear e extinguir a ocupação, com tratores e agentes da prefeitura municipal realizando a derrubada dos barracos de madeira e lona, bem como dos cercos nos lotes, algumas vezes com a presença policial para desencorajar protestos e reações dos ocupantes.

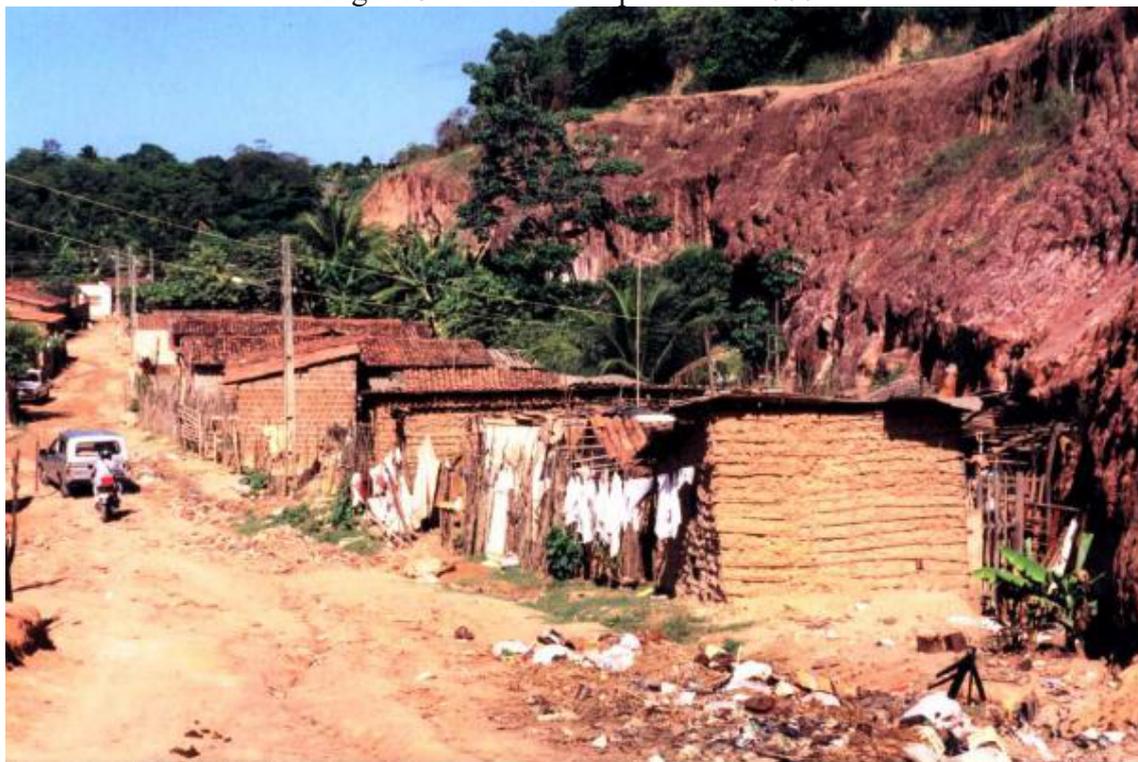
Neste ínterim, como consequência das repressões oficiais, ocorreu a organização comunitária, com estratégias de resistência para a permanência no local, incluindo a reconstrução dos barracos. Dona Ivete, que chegou ao Timbó em 1981, relembra que ocupou um lote na parte baixa com a família (o marido, uma criança e um bebê de colo) e enfrentou as ações com a ajuda dos demais ocupantes, que, aos poucos, se tornaram vizinhos e ajudavam uns aos outros na reconstrução das moradias.

Paulatinamente, foram se desenvolvendo formas de solidariedade, laços viciniais e comunitários, com a partilha de histórias de vida, da busca por melhores condições de sobrevivência, trabalho e moradia na cidade. Segundo Dona Ivete, os agentes da prefeitura apareciam ocasionalmente com maquinário e outras formas de intimidação, o que impulsionou o fortalecimento comunitário e a ajuda mútua, ao invés do embate com as instâncias municipais e estaduais. A vizinhança reconstruiu os barracos através de uma espécie de mutirão, o que contribuiu para o estabelecimento de laços de vizinhança e as primeiras criações afetivas no local.

Poder contar com o outro, que compartilhava uma condição semelhante à sua, reforçou a organização comunitária na luta pela permanência no território ocupado. Em 1983, com a redemocratização e a eleição de Wilson Braga para o governo estadual, juntamente com a gestão municipal, foram desenvolvidas políticas sociais para moradias populares. Nesse período, diversas ocupações foram consolidadas e passaram a ser vistas como “favelas”.

Foi nesse espaço de tempo que se firmou a Comunidade do Timbó, cujos barracos foram substituídos por casas de taipa, algumas se beneficiando da política de mutirões e outras fruto de financiamento dos próprios moradores.

Figura 5 – Casas de taipa no ano 2000.



Fonte: Santos, 2015, p. 50

As casas passaram a ser construídas em lotes cada vez mais próximos. Em 1987, foi implantado o serviço de água encanada, e entre 1988 e 1989, passou a haver energia elétrica, atraindo cada vez mais pessoas para a comunidade. A principal forma de fixação na localidade era a ocupação de um terreno, rapidamente transformado em lote, com uma casa erguida — uma forma de autoconstrução que proporcionou a configuração urbana de ruas desiguais: largas, estreitas, retas, tortuosas, grandes e curtas, que se conectam com becos e vielas. Novos moradores também chegam ao Timbó, através da compra de casas ou da construção de um “puxadinho”⁶ cedido no terreno de um parente.

Ocupado ou comprado, o que se sobressai nas narrativas é a fabricação de uma rede homofílica (Marques e Bichir, 2011) no auxílio à chegada de novos moradores à comunidade. Dona Ivete, por exemplo, soube da ocupação por uma prima, que estava residindo em um lote, prestando ajuda a essa família na chegada, cercando um terreno próximo, contribuindo no cuidado com as crianças e oferecendo apoio na luta pela permanência no local. Dona Ivete também conta sobre as outras famílias de parentes e amigos que ajudaram a se estabelecer no Timbó, narrativas que denotam essa lógica de auxílio mútuo entre conhecidos e parentes, o que contribui para a chegada e permanência no local, além do estabelecimento de relações de vizinhança.

⁶ Uma construção de estrutura simples, que é adicionada a outra já existente, geralmente nas encostas de alguma outra parede.

Uma rede social de apoio do tipo homofílica, segundo Eduardo Marques e Renata Bichir (2011), se baseia na semelhança proporcionada por uma mesma origem, pelo localismo ou por um ancestral comum entre os sujeitos envolvidos. Tal rede funciona na mediação e no acesso aos bens e serviços, e depende do conjunto de contatos que os sujeitos dispõem em sua sociabilidade, incluindo tanto vínculos diretos (de familiares e amigos) quanto indiretos (de conhecidos da família ou amigos de amigos). Constatamos que, na Comunidade do Timbó, redes homofílicas são estabelecidas na chegada, com a mediação de novos moradores, e o fortalecimento da prestação de auxílios cotidianos, desde o apoio para reconstrução dos barracos, cuidados com as crianças, empréstimos de alimentos e utensílios, ajuda em situações de crise na saúde ou financeira — com a criação de campanhas solidárias — ou na indicação de trabalho (Pontes, 2020, p. 32).

As trocas intersubjetivas que permeiam essas redes fomentam vínculos de solidariedade, reciprocidade, confiança, gratidão e lealdade, mas também promovem tensões relacionais movidas pelo desgosto, a mágoa ou a decepção, quando o outro não supre as expectativas ensejadas numa relação de amizade e confiança.

As tensões são comuns em vínculos afetivos estreitos e também compõem as redes homofílicas no Timbó, cuja proximidade espacial e a fabricação e preservação de laços são elementos centrais na manutenção dessas redes de ajuda mútua. São vinculações que levam à produção de conexão local, entre moradores e destes com o território, elaborando um processo de valorização do espaço, responsável pela criação de lugares, resultado da atribuição de uma determinada percepção que os indivíduos têm sobre o mesmo (Castello, 2005)⁷.

O lugar é produto de relações sociais, resultado de experiências e, principalmente, do pertencimento a uma dada localidade, processo que se constitui cotidianamente (Tuan, 1983). O lugar, portanto, agrega o convívio, as experiências emotivas, a memória, a construção identitária, os códigos de moralidade, os segredos e a familiaridade. Também incorpora as tensões e os conflitos que perpassam as interações. Envolve, ainda, a criação de fronteiras — que delimitam e configuram elementos de semelhança e dessemelhança — em relação ao outro relacional, isto é, aquele com quem se compartilha, ou não, o lugar.

A pesquisa nos mostrou que as vinculações estabelecidas pelas redes homofílicas fundamentam o processo de desenvolver laços no e com o Timbó, bem como perpassam a criação de formas de sociabilidade baseadas em laços afetivos estreitos, onde impera a pessoalidade (Prado, 1998), isto é, o conhecimento mútuo pela condição contínua de pessoa, relacionada a uma família, a um trabalho, a uma característica física ou a um apelido. A proximidade espacial na rede promove

⁷A valorização da qual Lineu Castello ressalta na produção dos lugares é um processo de construção de uma identificação que emerge através das práticas e apreensões dos indivíduos com o ambiente, processo que proporciona um valor e um sentido. São os lugares que detém qualidade, valor e sentido, sendo fruto de uma construção social que “marca suas gêneses e a pluralidade que os nutre e os mantém vivos - a pluralidade com a qual se constrói socialmente um lugar” (Castello, 2005, p. 23).

uma forte relação, onde os moradores são identificados pela impossibilidade de um anonimato permanente, uma vez que até mesmo os recém-chegados são referenciados a alguma família conhecida na localidade ou são, gradativamente, inseridos na sociabilidade pessoalizada.

O pertencimento vai se construindo nesse emaranhado de trocas intersubjetivas, cujos moradores tecem relações de vizinhança e amizade, sendo cada qual reconhecido enquanto “pessoa”, que integra a rede de sociabilidade e, conseqüentemente, seus códigos morais e emotivos, que conformam o “viver no Timbó”. Esse processo, contínuo e tenso, promove a produção do lugar Timbó, cujo habitar é mais do que morar, sendo estar no mundo, pautado na compreensão do eu e do nós, numa vivência de um mundo comum, que possibilita a verificação do “outro” pela experiência do “si”, intrinsecamente relacionado com a fabricação do indivíduo como pessoa específica, temporal e espacialmente determinada (Koury, 2003, p. 77-78).

Mauro Koury (2003) entende que o sentimento de pertencimento é um modo de enraizamento da pessoa num lugar, não como uma forma de se tornar isolado, mas como uma espécie de tornar-se autônomo por ser e estar no mundo, a partir do seu lugar, do fazer parte. É o enraizamento que permite a criação e a manutenção dos lugares, nutridos por vinculações emotivas, mas também ambíguas, característica do pertencimento. Nestes termos, pensamos o Timbó, lugar através do qual os moradores vivenciam a cidade.

Figura 6 – Compilado de matérias em jornais locais publicados em sites com conteúdo vinculado à Comunidade do Timbó



Fonte: Matérias acessadas nas plataformas de vídeos Globoplay e YouTube, no site da Prefeitura Municipal e do Governo Estadual e nos jornais online Pauta PB e Paraíba Já.

No compasso em que os moradores constroem relações de vizinhança e promovem uma sociabilidade pessoalizada, a comunidade vai se desenvolvendo em meio a carências estruturais, que estampam os jornais locais, televisivos ou plataformas online. A Comunidade do Timbó segue

sendo retratada sob a ótica da violência urbana, geralmente destacada em matérias policiais, que abordam o tráfico de drogas, prisões, apreensões de armas e diversas substâncias ilícitas, assim como a vulnerabilidade ambiental (matérias que expõem quedas de árvores, os riscos de alagamento de casas próximas ao rio, soterramento e desmoronamento das residências perto das encostas e a realocação de famílias nessas condições de risco).

O discurso midiático, em algumas ocasiões, aborda ações sociais empreendidas por órgãos públicos na localidade e o agenciamento dos moradores na criação de caminhos para o exercício da cidadania. Publicadas em menor quantidade, as matérias que abordam a organização e mobilização comunitária são recentes, produto da mobilização de grupos de moradores que buscam os jornais locais para denunciar situações de descaso público, o que também é feito no perfil do Instagram analisado.

A comunidade se faz representar por meio de jovens internautas ou de lideranças comunitárias, que reivindicam cidadania na busca por melhorias locais, como parte de seus direitos civis básicos, como a limpeza urbana, o abastecimento de água e a coleta de lixo, numa clara demonstração de que a comunidade está ciente de seus direitos e passa a usar todos os canais abertos para suas reivindicações.

Figura 7 – Imagem que retrata as desigualdades urbanas.

11 de agosto de 2023



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CvyH0msRGFJ/?igsh=bWc5cmsxYjc5YTFy>

Como podemos ver na imagem acima, as desigualdades urbanas são constatadas e exploradas na rede social sobre o Timbó, cuja preocupação é mostrar o que “a mídia não mostra”. A

comunidade está ciente dos avanços obtidos desde sua formação, das lutas que marcaram sua origem e da transformação do local no lugar Timbó.

O perfil do Instagram destaca que, no Timbó, há “...arte, cultura, diversidade, amor, paz”, conforme indica uma placa de boas-vindas fincada na ladeira principal da comunidade. Esse marco é resultado de uma intervenção urbana planejada e executada por jovens moradores, amplamente divulgada no perfil.

A comunidade divulga sua arte por meio da realização de oficinas de grafite e de arte circense, da grafiteagem de muros, da colagem de lambes e das batalhas de rima e dança. Também valoriza as formas de solidariedade, promovendo campanhas de arrecadação e distribuição de cestas básicas, sopões sociais, cortes gratuitos de cabelo e vaquinhas para auxiliar em situações de saúde. Além disso, evidencia o lazer, com festas e eventos na quadra, festividades do Dia das Crianças, bloquinhos de carnaval e demais momentos festivos.

Por fim, ressalta o acesso à cidadania, por meio da mobilização por melhorias nos serviços e equipamentos públicos, da distribuição de kits escolares, das consultorias gratuitas com advogados e das caravanas de cuidados com a saúde.

Figura 8 – Grafiteagem em muros da comunidade.



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CedonPFuX2S/?igsh=Ymh3bzQyZzRrNmVk>

Os cenários locais também são amplamente retratados pelos moradores no *MeuTimbó*, que registra as ruas e as situações cotidianas, geralmente acompanhadas por músicas que transmitem

mensagens de fé, amor e a beleza da “favela”. Nesses enquadramentos, visualiza-se uma comunidade urbanizada, com ruas pavimentadas e limpas, bastante verde ao redor da parte baixa e crianças brincando nas ruas. Dessa forma, é possível conhecer o lugar sob a perspectiva dos moradores, destacando o que consideram importante mostrar e divulgar para representar a localidade e, conseqüentemente, a si mesmos.

Ao apresentar e valorizar os aspectos positivos da comunidade, os jovens moradores influenciadores do universo digital fortalecem o sentimento de pertencimento, propagando a forma como a comunidade deve ser representada. O Instagram torna-se, assim, um espaço de divulgação que amplia o alcance da construção do lugar pelos moradores. Esse espaço não serve apenas para falar para os de fora, mas também para promover a circulação de informações entre os próprios moradores, demonstrando como as tecnologias digitais foram assimiladas à sociabilidade e passaram a configurar um modo de viver o Timbó.

COMO É VIVER NO TIMBÓ?

Para compreender a experiência da comunidade sob o olhar dos moradores, questionamos os/as interlocutores/as, em conversas informais e entrevistas gravadas: “Como é viver no Timbó?”. Seleccionamos três respostas que evidenciam elementos dessa vivência, considerando a percepção de diferentes gerações que configuram o lugar. Dona Ivete ressalta que:

O povo é unido, é animado, uma bagunça... uma hora briga, outra esculhamba, outra hora xinga um com o outro. [...] No conjunto sabe o que é que você escuta? A televisão do vizinho que está alta ou então a zoada do prato lavando... A mãe gritando com o filho “deixa isso aí menino” [fala imitando um grito], entendeu? Pode chegar ao conjunto ou em qualquer outro canto que 6 horas da noite está todo mundo no presídio. A televisão do vizinho quando está mais alta você consegue escutar o repórter, o de cá está brigando, o de lá de cima está “você não jantou não!” [fala em tom grave], tá entendendo? E aqui não, a gente senta na calçada, escuta um xingando aqui, outro xingando lá, essa daqui [aponta para a vizinha sentada ao lado] vem para as portas da gente conversar de madrugada... e assim vai... aqui tudo é alegria e lá em cima qual a alegria que tem? Tem não! Tem não! Porque se você passar da padaria pra lá você só vai ver porta fechada, zoada na porta dos outros... zoada que eu digo é a que sai do som das casas. Se for em um dia que tiver uma missa vai para a igreja e o que mais? Porque é tão silencioso, tão quietinho que você escuta o ônibus passando na esquina. Aqui não, você não vê não a calçada do oi aqui não? Todo mundo passa e dá oi, boa tarde, boa noite. Tem animação! (Dona Ivete, 74 anos, moradora do Timbó desde 1981).

A “bagunça” é uma noção interessante, acionada pela interlocutora na associação com animação, união e alegria de compartilhar uma sociabilidade marcada por trocas relacionais estreitas e pela pessoalidade. A bagunça experienciada tem um caráter positivo, ao trazer as delícias de sentar na calçada e observar as situações cotidianas, os cumprimentos e a animação do povo, que permitem espaço tanto para o silêncio quanto para conversas banais, brigas e xingamentos. São

interações do dia a dia, tensas ou calmas, parte das relações pessoalizadas, onde disputas e conflitos emergem, mas são resolvidos para a manutenção das trocas interpessoais.

Já Angélica, moradora da parte alta, na conhecida Rua do Meio — que fica entre a via principal do Timbó, fronteira oficial com os Bancários, e o início da parte baixa —, dona de casa e empreendedora no ramo de cosméticos, passa a maior parte do tempo na comunidade, saindo apenas para resolver pendências burocráticas ou para eventuais momentos de lazer com a família. Ela nos conta:

Gostar eu não gostava não, sabe? [em relação ao tempo que morava na parte baixa da comunidade] Porque era muito bagunçado! Era muito bagunçado lá embaixo antigamente. Aí, depois que eu vim pra cá, eu acho melhor aqui em cima, que é mais calmo. Lá embaixo era muito violento também! [...] Agora mudou muito aqui, que lá embaixo é tudo calçado agora, é mais organizado, antigamente era tudo casa de taipa, agora é tudo tijolo, já tem até primeiro andar lá embaixo (Angélica, 48 anos, moradora do Timbó desde 1993).

A narrativa diferencia os espaços da comunidade, destacando que a parte baixa era marcada pela bagunça, pelo agito e pela violência. Nesse contexto, “bagunça” recebe novos adjetivos. Em termos de trocas relacionais, a parte alta é percebida como “mais calma”, enquanto a parte baixa representa o oposto, somando a agitação ao histórico de violência, que incluía mortes, prisões e apreensões, além das condições estruturais precárias, com antigas casas de taipa.

A “calmaria” e o distanciamento físico de brigas e da criminalidade são aspectos que se destacam nos relatos sobre as transformações na comunidade. A afirmação de que “agora mudou muito” e está “mais organizado” se refere não apenas ao controle da violência, mas também às melhorias estruturais, como a substituição das casas de taipa por construções de alvenaria, algumas com mais de um pavimento. Essa melhoria urbana contribui para a perspectiva de organização mencionada por Angélica, especialmente considerando que ela vivia em uma área de risco ambiental na parte baixa, próxima a uma encosta, convivendo anualmente com o medo de deslizamentos e da perda de sua moradia.

Vejam agora a perspectiva de Thiago, um jovem que nasceu e cresceu na comunidade, onde mora com sua mãe e irmãs:

Eu costumo dizer que é tipo um condomínio fechado de pobre, porque você vai lá de 01 hora da madrugada e tá os pirralhos correndo no meio da rua, tá a galera jogando bingo, brincando, conversando, jogando dominó. Então, assim, você passa no Timbó, você não imagina, mas quando você entra... meia noite é como se estivesse em uma cidade subterrânea, porque é um buraco [risos] (Thiago, 23 anos, morador da comunidade desde 2001).

Como podemos observar, o interlocutor compara o Timbó a um “condomínio fechado de pobre”, remetendo às contribuições de Sarti (1994, p. 4), que destaca valores expressos em formas de sociabilidade: “isto é, no próprio grupo de referência dos pobres, mostrando não apenas como se

relacionam com os 'iguais', mas revelando igualmente, e em contrapartida, sua concepção da relação com os 'desiguais'".

Nesse sentido, o “condomínio” representa um espaço de moradia fechado aos “de fora”. Thiago aponta o Timbó como um lugar aberto para os moradores, onde o espaço público é amplamente utilizado pelos “iguais”, independentemente do horário, e onde a rua permanece ativa. Sua fala evidencia uma sensação de segurança, de poder estar na rua e vivenciar as formas de sociabilidade — uma realidade pouco compreendida pelos “de fora”, que não imaginam a dinâmica interna dos espaços, a tranquilidade e as possibilidades de trocas interpessoais.

Os encontros em espaços públicos são amplamente destacados, pois é neles que a vida acontece, onde se constroem as relações e se fortalecem os vínculos de parentesco, vizinhança e amizade. O conhecimento mútuo permite um certo controle social entre os moradores, gerando um ambiente regulado por códigos morais e emotivos, coletivamente valorizados. Até mesmo aqueles envolvidos em atividades ilícitas contribuem, de alguma forma, para a manutenção da tranquilidade local.

Dessa forma, as percepções sobre a Comunidade do Timbó reforçam sua produção enquanto um lugar de pertencimento, acionando sentidos positivos sobre o local. As experiências de moradia são atravessadas por marcadores sociais, como geração, gênero, tempo de residência na comunidade, localização da moradia e relações vicinais. Em geral, os moradores enfatizam tanto as potencialidades da comunidade quanto seus aspectos ambivalentes, revelando a complexidade de viver no Timbó e na cidade de João Pessoa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A produção do lugar Timbó ocorre tanto no universo da comunidade quanto no digital, contribuindo para a construção de imagens que enaltecem a localidade e suas formas de sociabilidade, por meio da produção de sentidos. O Timbó é constituído pelas relações sociais e pelos vínculos estreitos e duradouros, característicos da personalidade, atravessados por acordos e disputas em torno dos códigos morais e de conduta, que definem as maneiras de ser e estar na cidade a partir das vivências em uma comunidade periférica. Trata-se de uma luta constante para minimizar um imaginário social que, majoritariamente, apreende o Timbó por meio de sentidos depreciativos.

Considerado um lugar de suspeita, violência e receio, o imaginário construído de fora para dentro choca-se com o agenciamento dos moradores na produção de sentidos próprios para representar o local e sua população. O Instagram é utilizado como meio de veiculação e disputa por símbolos e significados relacionados ao Timbó. Dessa forma, por meio das redes sociais, os

moradores acionam sentidos que fogem da perspectiva da carência, valorizando a pertença ao lugar, traduzida em sua arte, formas de solidariedade, exercício da cidadania, comércio e cenários locais.

O uso das ruas e calçadas como espaços de sociabilidade personalizada é outro elemento exaltado nas narrativas e publicações dos moradores, diferenciando a comunidade de outros bairros da cidade pela possibilidade de ocupar os espaços públicos sem medo da violência que assola a urbe. Nas ruas locais, mantêm-se as trocas relacionais, ocorrem brincadeiras entre crianças, conversas, namoros, momentos de lazer e atividades laborais. Esse diferencial de morar no Timbó é explorado pelos próprios moradores, que estimulam o orgulho em afirmar que o lugar é tranquilo e pode ser vivenciado em qualquer período do dia, sem receios.

Pertencer a um lugar significa vivenciar a complexidade da ambivalência que o sentimento de pertença provoca (Koury, 2003, p. 75). Essa ambivalência é experimentada pelos moradores e orienta suas individualidades e estilos de vida. Consideramos que o pertencimento ao Timbó é continuamente construído por seus habitantes, a partir de suas vivências e dos sentidos positivos que atribuem à comunidade, os quais, por sua vez, também refletem a identidade de seus moradores.

REFERÊNCIAS

ACMVT – Associação Comunitária dos Moradores do Vale do Timbó. *Contextualizando a Comunidade do Timbó (Censo 2015-2016)*. João Pessoa, 2016.

CASTELLO, Lineu. *Repensando o lugar no projeto urbano: Variações na percepção de lugar na virada do milênio (1985-2004)*. 2005. 415f. Tese. (Doutorado em Arquitetura) - Programa de Pós-Graduação em Arquitetura, UFRGS, 2005.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano. 1. Artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.

DONEGAN, Lucy; ALVES, Stela; OLIVEIRA, João Victor Nunes de. *De separações na cidade a misturas nas praias: investigando padrões socioespaciais e usos de praias em uma capital litorânea*. Revista de Morfologia Urbana, v. 10, n. 1, pp. 1-20, 2022.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. O local enquanto elemento intrínseco da pertença. In: LEITÃO, Cláudia (Org.). *Gestão Cultural - significados e dilemas na contemporaneidade*. Fortaleza: Banco do Nordeste, pp. 75-87, 2003.

LAVIERI, João Roberto; LAVIERI, Maria Beatriz Ferreira. *Evolução da estrutura urbana recente de João Pessoa - 1960/1986*. João Pessoa: Textos UFPB/NDIHR, n. 29, pp. 01-67, 1992.

MACHADO, Mônica. *Antropologia Digital e experiências virtuais no Museu de Favela*. Curitiba: Appris, 2017.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. *De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana*. Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 17, n. 49, pp. 11-29, 2002.

- MARQUES, Eduardo; BICHIR, Renata. *Redes de apoio social no Rio de Janeiro e em São Paulo*. Novos Estudos, n. 90, pp.65-83, 2011.
- MISSE, Michel, *et al.* *Uma vida e uma obra dedicadas à favela e às ciências sociais: Entrevista comemorativa de 70 anos de Luiz Antônio Machado da Silva*. DILEMAS: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social, v. 4, n. 4, pp. 663-698, 2011.
- PERLMAN, Janice. *O mito da marginalidade: favelas e política no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
- PITA, Ana Luiza Lima Rodrigues. *Segregação urbana e organização socioespacial: Um estudo da Comunidade do Timbó, em João Pessoa– PB*. 2012. 210f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2012. Disponível em: <<https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/296>>. Acesso em: 22 de fev. 2025.
- PONTES, Williane Juvêncio. *Emoções e Sociabilidade Urbana: Uma etnografia sobre a Comunidade do Timbó, João Pessoa-PB*. Dissertação (Mestrado) Curso de Antropologia, UFPB, João Pessoa, 2020.
- PONTES, W. J. *Transformando o espaço em lugar: Uma etnografia sobre a Comunidade do Timbó, João Pessoa - PB*. Recife: Edições Grem-Grei, 2021.
- PONTES, W. J. *Periferização e estratégias de resistência: A formação de uma comunidade a partir do processo de crescimento urbano de João Pessoa-PB*. *Ponto Urbe*, n. 31, v. 1, jul., 2023.
- PONTES, W. J. *Pessoalidade, janelas indiscretas e intimidade forçada na vivência de um prédio popular*. R@U Revista de Antropologia da UFSCar, v. 15, n. 2, pp. 324-352, 2024.
- PRADO, Roseane M. *Cidade Pequena: paraíso e inferno da personalidade*. Cadernos de Antropologia e Imagem, n. 4, pp. 31-56, 1998.
- SANTOS, E. C. dos. *Transformações na favela do Timbó em João Pessoa de 1980 a 2013*. Monografia (Bacharelado em Geografia). Universidade Federal da Paraíba, 2015.
- SARTI, Cynthia A. *A família com o espelho: Um estudo sobre a moral dos pobres na periferia de São Paulo*. 1994. 222f. Tese (Doutorado em Antropologia). Universidade de São Paulo, São Paulo, 1994.
- TUAN, Yi-Fu. *Espaço e lugar: A perspectiva da experiência*. São Paulo: DIFEL, 1983.